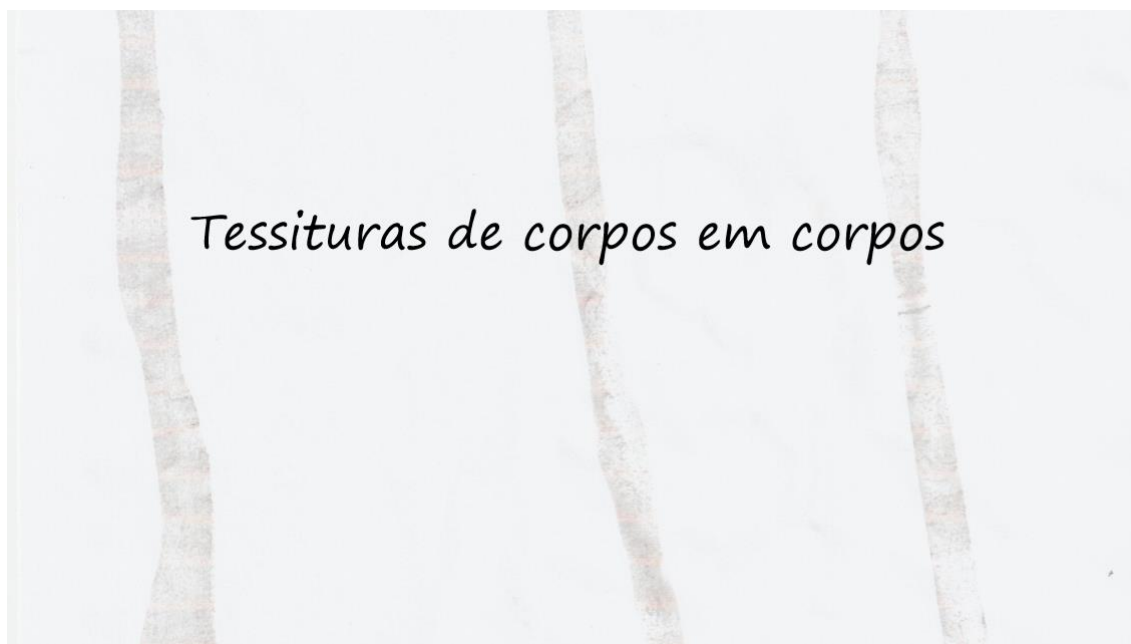


A CASA TOMBADA

A CASA TOMBADA- Lugar de Arte, Cultura e Educação
FACONNECT – Faculdade de Conchas
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *Lato Sensu* CAMINHADA COMO MÉTODO
PARA A ARTE E EDUCAÇÃO

TATIANE MARIE MARTINS GOMES DE CASTRO



São Paulo/SP
2024

TATIANE MARIE MARTINS GOMES DE CASTRO

Tessituras de corpos em corpos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para o título de
especialização no curso de Pós-
Graduação *–Lato Sensu –* Caminhada
como método para a arte e educação

Coordenadora/orientadora: Profa.

Edith Derdyk

Coorientadora: Profa. Bárbara Melo

São Paulo/SP
2024

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai, *In Memoriam*, e à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às nossas professoras Edith Derdyk e Bárbara Melo pelas partilhas, e orientações. Às leitoras de uma versão prévia a essa, Ângela Castelo Branco e Gabriela Leirias, pelas críticas e sugestões ao trabalho. À leitora, Rita Mendonça, da versão final da apresentação, pelas contribuições e inspirações oportunizadas a esse trabalho.

Aos professores (as) palestrantes Ângela Castelo Branco, Daniela Avelar, Gabriela Leirias, Giuliano Tierno, Inês Bonduki, Karina Dias, Karla Brunet, Luiza Helena da Silva Christov, Marcelo Moscheta, Marcelo Semiatzh, Marina Camargo, Mauro Calliari, Paulina Maria Caon, Regina Favre, Ricardo Luis Silva, Rita Mendonça, Rodrigo Paglieri, Stela Barbieri, Tamara Andrade, Verônica Veloso, Virgínia Kastrup pelas lindas partilhas.

À Casa Tombada por estar sendo uma CASA de saber para mim e me auxiliado a ampliar minha percepção das experiências no território onde estou. As aulas são on-line e em cada encontro me sinto conectada às pessoas, aos lugares, aos saberes e às experiências. Tem sido uma fonte de saber cristalino. Sou imensamente grata.

Às colegas do curso da turma 5 pelas partilhas, convivências, referências e inspirações. Sou imensamente grata de todo o coração.

Eu me pergunto quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado.

Krenak, Ailton. *A vida não é útil* (Portuguese Edition) (p. 14). Companhia das Letras. Edição do Kindle.

RESUMO

A especialização “Caminhada como método de arte e educação” me levou para um caminhar com a formiga saúva. Antes mesmo da especialização já havíamos nos encontrado na floresta. A partir desse encontro fui capturada por ela. A caminhada articulada foi fazendo cada vez mais sentido para pensar a natureza, a arte e as questões existências. Partilho nessa escrita uma cartografia das pequenezas, dos rastros, dos sentimentos, dos afetos e das reflexões de uma caminhante que sentiu ares de liberdade.

Palavras – Chave: arte, natureza, questões existenciais

SUMÁRIO

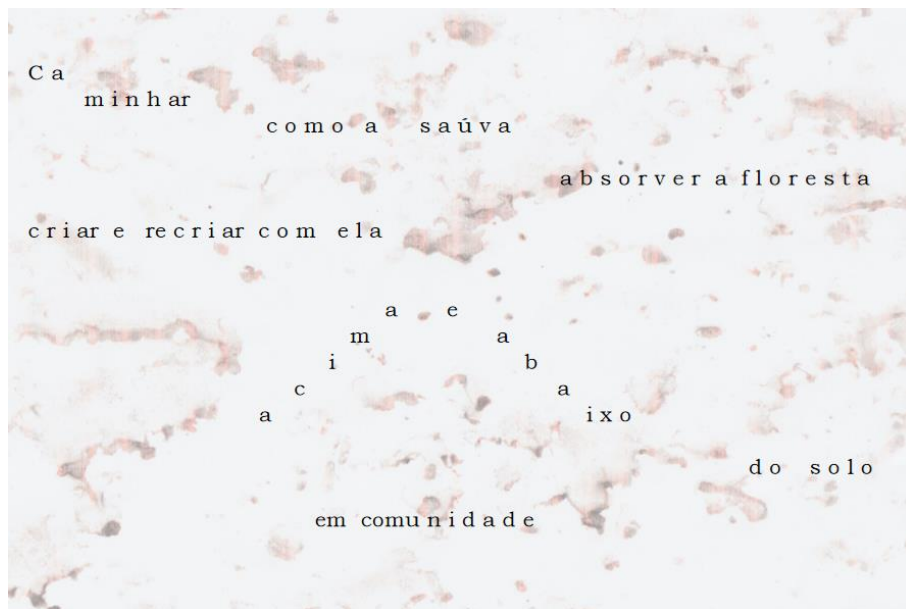
O que se tornaria um início	8
caminh~ares em artes	11
<i>ARES 1</i>	13
<i>ARES 2</i>	16
<i>ARES 3</i>	19
<i>ARES 4</i>	20
<i>ARES 5</i>	23
<i>ARES 6</i>	26
<i>ARES 7</i>	27
<i>ARES 8</i>	28
Uma não escrita	30
desejo às palavras	31

O QUE SE TORNARIA UM INÍCIO

Lá estava eu caminhando na floresta quando encontro um ninho de formigas saúvaⁱ sob os meus pés e sob aquelas alongadas copas de árvores. Era uma floresta secundáriaⁱⁱ próxima a um rio para onde íamos junto com a senhora Maria em busca de sementes da andirobaⁱⁱⁱ. Ela ia coletá-los. Nós havíamos acabado de coletar microrganismos eficientes^{iv} e seguíamos guiadas pela Maria mais adentro daquela floresta. Me senti capturada por aquele grande sauveiro como se estivesse entre seus grandes fios de relações com as plantas- saúvas e florestas. Quem seria eu ali? Me senti embebida de relações como se ali a saúva fosse a co-cultivadora da floresta. Meus pés pisavam por sobre a terra por elas habitadas em seus sauveiros e sob as copas das árvores a saudar-nos.

Meu pé sobre aquela terra, aquele solo, aquela floresta e aquela eu. Eu andando ali, sentindo a floresta e me tornando outra.

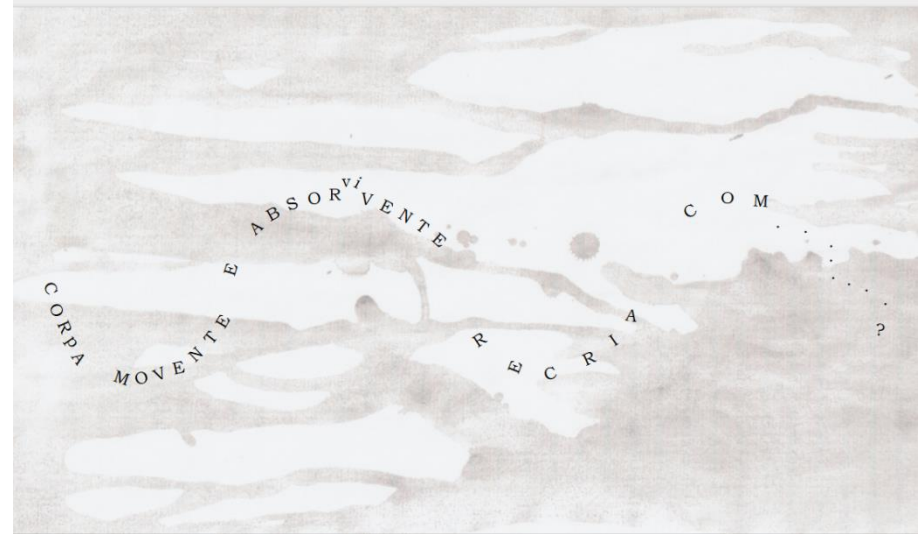




E o encontro não para pôr ali nesse encantamento. Ele segue com as reflexões sobre onde a formiga saúva caminha e por onde eu caminho. Nas ciências agrárias^v as saúvas são apontadas como pragas agrícolas^{vi} por retirarem pedaços de folhas das plantas, causando perda área foliar. Elas saem de seus saueiros e vão caminhando em linhas conhecidas como carreiros sobre a terra até a planta por onde sobem e retiram pedaços de folhas, os quais cortados pelo seu aparelho bucal mastigador^{vii}, o qual nessa situação cortam as folhas como tesouras. Levam esses pedaços que se parecem como pequeninos confetes até o saueiro. Lá elas possuem um campo de cultivo de fungos^{viii}, os quais são nutridos por essas folhas. Sim! Elas cultivam o seu alimento! Retiram a energia da copa das árvores armazenadas pela fotossíntese, incorporam no solo para os fungos e nutrem se deles. Sim, tudo isso acontece porque elas caminham muito!



O caminhar da formiga saúva me fez pensar sobre o meu caminhar. Através do nosso encontro foram surgindo questões sobre a minha própria existência. Ali na floresta, a formiga de longe não é uma praga agrícola, ela é uma coparticipe da vida^{ix}.



CAMINH~ARES EM ARTES

O meu percurso no estudo da caminhada como método de arte e educação acompanhou um ritmo parecido com o da saúva. Nesse ritmo procurei caminhar no sentido simbólico de coletar fragmentos de folhas das copas das árvores e transportar por longos carreiros até os meus sauveiros. Aquele cantinho de cultivo e de cuidado! Através das caminhadas sinto que fui percebendo lugares, porém há um especial. Espero que nele eu consiga levá-los comigo para dentro das dobras formadas em algumas tessituras de corpos em corpos.

Antes de iniciar essa especialização estava finalizando outra, “A Natureza que somos”^x. Através dela encontrei, ao final, o livro Ecosofia de Michel Maffesoli e na especialização da “Caminhada como método de arte e educação” encontrei, no início, a obra Nomadismo do mesmo autor.^{xi} Em ecosofia, o autor apresenta o termo amor *mundi*. O meu título de TCC dessa especialização foi “Flores-estão onde estamos”^{xii}, onde cada capítulo foi permeado por esse *amor mundi* por onde estou e as inquietudes frente às violências. Ao iniciar a especialização “Caminhada como método de arte-educação me desdobrei para pensar como eu caminho por ele como um ser movente. E ao caminhar por

paisagens-territórios como eu articulo, penso e peso? Sou capaz de cocriar e coexistir em relações de intimidade embebidas pelo amor *mundi*? Portanto caminhei com essas questões não com o intuito de respondê-las e sim de me auto-observar.

A seguir partilho oito das minhas escritas no caderno de caminhada. Essas escritas faziam parte de uma sequência matinal de ler, caminhar e escrever. Eu acordava entre 4 e 5h da manhã, lia por cerca de uma hora, depois caminhava por cerca de uma hora e escrevia o tempo necessário para dar um não lugar às palavras-pensamentos.

acordar os sentidos

caminhar com a formiga

caminhar como a formiga

caminhar sendo formiga

caminhar saindo da formiga e entrando na árvore, se tornando

árvore....

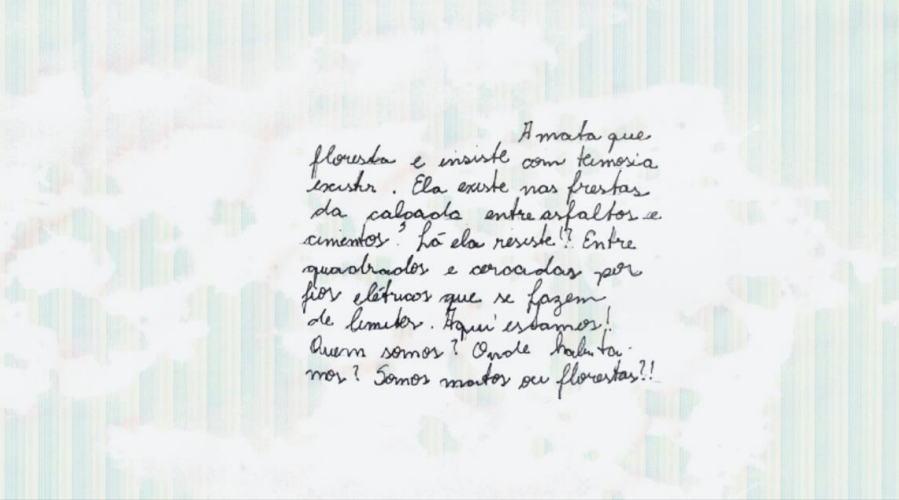
ARES I

15 de março de 2024. Rorainópolis, RR.

Mato? habitat de pássaros, onde comem sementes e se encontram. Quem são eles? Seres do ar, podem até capturar ou pegar uma mariposa de tamanho médio no ar! As asas da mariposa sem unem em seu bico. E eis que ele a saboreia apoiado no fio de alta tensão entre os postes. Mato? ou Floresta? Uma mata o outro? Parece uma celebração, mas não me parece a morte e sim a vida em fluxo. A mata que floresta e insiste com teimosia existir. Ela existe nas frestas da calçada, entre asfaltos e cimentos. Lá ela resiste! Entre quadrados e cercadas por fios elétricos que se fazem de limites. Aqui estamos! Quem somos? Onde habitamos? Somos matos ou florestas!? Habitamos o outro nos outros e deixamos rastros entre rasgos e gargalos. Enquanto me apreendo não do que sou, mas do que deixei de ser. No tempo de ser não eu, mas o outro a me habitar e a me matar. Deixei e abandonei me entre as frestas frias das ruas. Os pássaros me habitaram e me recordaram que não é outro e sim eu o meu tempo, o meu alimento e o meu caminho. O céu testemunha

minha pausa, parece até mesmo suavizar as nuvens em cores para me recordar do amanhecer e entardecer da vida. Os tempos, entre as temperaturas, entre os claros e escuros vou nascendo outra de mim. Como entre um ínstar e outro sigo devagar vagando.

Uma formiga caminhante me encontra nessa folha e na mão que sobre ela escreve. Ela rodeia para cá e para lá enquanto desvio o lápis para seguir escrevendo. Ela ainda segue tocando por vezes o braço apoiado sobre o chão em que deitada de braços escrevo. Não escrevo só. Hoje pela manhã, ainda de madrugada, lendo “Um teto todo seu” de Virginia Woolf^{xiii} senti como que os tempos passados e presentes se encontram. Uma linhagem não linear segue encontrando frestas para refletir quem somos e quem podemos ser. Porém existir pode ser assustador e ameaçador para os que temem que o mato floreste, que a rede de tensão elétrica não contenha os limites, que o asfalto e o cimento não enterrem e, sobretudo, que a mariposa não se deixe preda/empedrar. Não se dobre. Voe livre! Faça o seu fluxo de vida, Mariposa” Não se reduza a ser somente alimento e não se reduza a ser objeto, não se reduza a ser o outro. Seja você com ele!



A mata que
floresta e insiste com tenacidade
existir. Ela existe nas frestas
da calçada entre asfalto e
cimento. Lá ela resiste!! Entre
quadrados e cercadas por
fios elétricos que se fazem
de limites. Aqui estamos!
Quem somos? Onde habitamos?
mor? Somos matos ou florestas?!

que uma formiga
camunhante me encontra nessa
folha e na mão que sobre
ela escreve. Ela rodeia e rodeia
para cá e para lá enquanto
desve o lápis para seguir
escrevendo. Ela ainda segue
tocando por vezes o braço
apoiado sobre o chão em
que deitada de bruço escrevo
não escrevo só. Hoje pela
manhã, ainda madrugada, lendo
um livro todo seu V. Wolf, desco-
bre que os tempos passados
e presentes se encontram -
uma linguagem não linear

segue encontrando frestas
para refletir - quem somos,
e quem podemos ser. *Almeida*

Frestas

O dia amanhece com sabor de chuva e fui sorvendo o vento chuvoso pelos poros do corpo.

O corpo se move entre frestas, como pequenos rios a persistirem em suas existências.

Me junto a essas águas e deixo me ir.

Não sei ao certo para onde irei e nem quando serei interrompida.

ARES 2

16 de março de 2024. Rorainópolis, RR.

O pássaro pousado sobre o poste de fiação observa o seu redor enquanto eu o absorvo. Aqui estamos! Nessa Pausa! Ele, possivelmente, após um voo ao amanhecer e eu após caminhar. Eu caminhava nesse sábado melancólico com gosto de chuva enquanto a vila despertava. Ele se foi do poste e estou aqui a olhar com sua imagem na memória ainda fresca. Em um entre tempos de segundos ele se foi. A qualidade de quem voa é etérea no mundo físico e longa na memória. Diferente dos folíolos do açazeiro após o poste. Lá está ele enraizado. O vento move para lá e para cá os seis folíolos. Sinto um fresco a me tocar o rosto na altura do queixo. O poste ali parado e ereto parece uma régua a me ajudar medir a altura e a distância de onde estou e o que percebo além da janela da casa. Casa corpo em metamorfose. Corpo antes da ruptura, onde pequenas transformações se sucedem no tempo. Uma janela que passa a se abrir na porta. Uma parede que passa a inexistir. Espaços outros vão nascendo. E eis que nesse momento sentada em uma cadeira de balanço escrevo aninhando o corpo. Tenho um teto para escrever!/? Viverei 100 anos? Terei 53 anos para escrever nesse em outros

cadernos? Vou continuar escrevendo? Será ela o meu alimento metamórfico?

Do escuro ao claro, vou me movendo e sendo. Não sozinha como uma eremita. E sim inteira nos pedaços de mim que vou juntando de formas outras e experimentando cada uma delas nesse oceano de existências e combinações. Meus simbiontes vão me ajudando a digerir minha matéria externa para constituir outras de mim onde estou e tenho sido caminhando. Sobre o poste de fiação, no folíolo do açazeiro, sob os pés a percorrer a vila e no corpo a descansar na cadeira de balanço. Em cada um sou, venho a ser, deixo me ser através dos tempos.

A vila está acordada

No cão que late

No carro de som ao longe

No martelo que bate

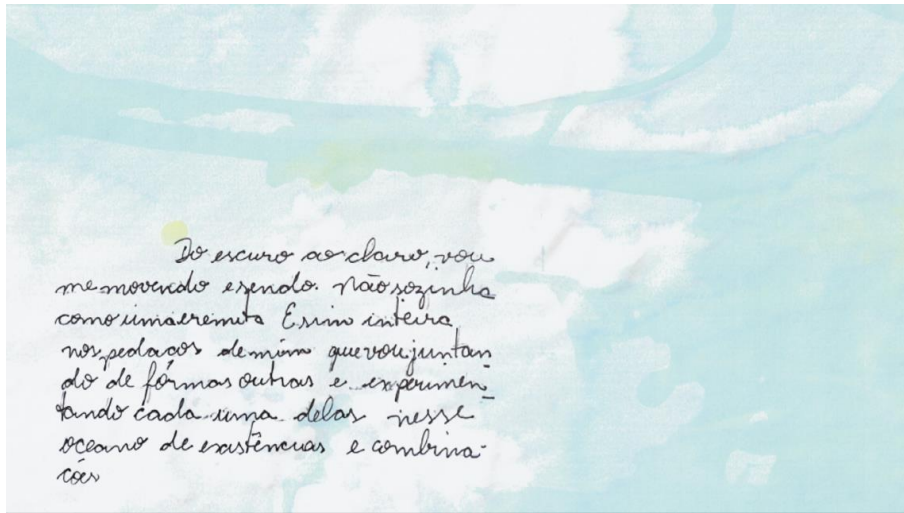
No motor do carro

No piar dos pintinhos da vizinha

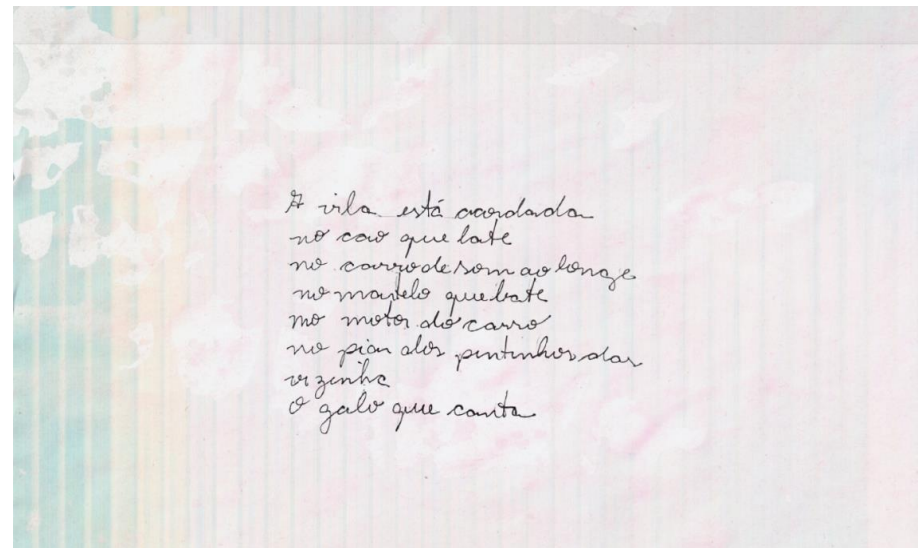
O galo canta

A qualidade de quem vive
é etérea no mundo físico e
longa na memória. Diferente
dos folíolos do acazeiro
após o poste. Lá está ele
enraizado. O vento move para
lá e para cá os folíolos.
Sinto um fresco a me tocar.

Para corpo em meta-
morfose. Corpo pre-ruptura
onde pequenas transformações
se sucedem no tempo. Uma
janela que passa a se abrir na
porta. Um parede que passa
a crescer. Espaços outros vão
nascendo.



Do escuro ao claro, vou
me movendo espando. Não sozinha
como uma remota. E sim inteira
nos pedaços de mim que vou juntan-
do de formas outras e experimen-
tando cada uma delas nesse
oceano de existências e combina-
ções

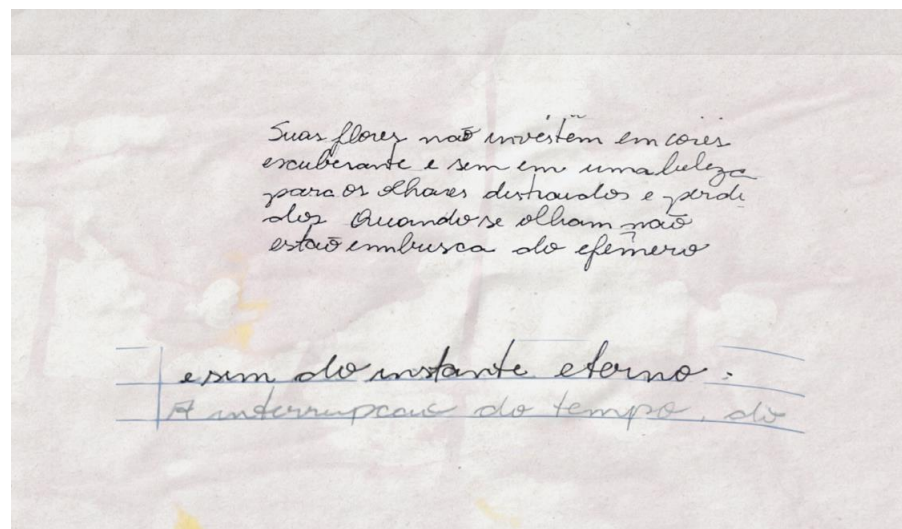


A vila está acordada
no cas que bate
no corpo de som ao longe
no mapa que bate
no motor do carro
no pia alor pentinhos dar
a zinha
o galo que canta

ARES 3

19 de março de 2024. Rorainópolis, RR.

Quando o abismo é tão profundo e escuro. Quando o corpo se move na rua em busca de frestas. Quando o nada se torna tudo. Quando o vazio é transbordante. Quando ando em e entre. No céu, as nuvens abrem uma fresta para o sol. Na calçada, o asfalto abre uma fresta para elas. São tantas... Algumas são eretas, outras se espalham como cobertor. As eretas se movem para lá e para cá com o vento. Como se estivessem a saudar o dia amanhecendo. Saudade... Proteção... Suas flores não investem em cores exuberantes e sim em uma beleza para os olhares distraídos e perdidos. Quando se olham não estão em busca do efêmero e sim do instante eterno. A interrupção do tempo cronos. Tudo parece estar em modo devagar. De-vagar. Devagar- vagar devagar no vão do tempo e do espaço. A paisagem é uma miragem. Sinto me na paisagem, sinto me planta, sinto me vento, sinto-me nada em um não lugar, em uma não vida e em uma não palavra. Desse lugar não lugar vago como um corpo não meu. Um corpo que se desprende de mim. Não me solte!



ARES 4

21 de março de 2024. Rorainópolis, RR.

O que habita aquela casa em construção abandonada? A vegetação cresce dentro e fora contornando as paredes. As paredes de tijolo visível e irregulares no comprimento. Sinto que algo a habita. Aquela casa sem teto entre outras consideradas “normais” naquela avenida. Sua frente não tem muros e nem paredes. As plantas sobem até o alto de seu interior. Planta habita casa. Casa habita planta. É tanta intimidade. Entre o verde das folhas vê-se o marrom do tijolo. Ora parede parece tronco ora plantas parecem estruturas de casa. Estranhamente nada se movia. O tempo parecia estar suspenso. Aquela casa parecia não ser vista em sua hibridez meio natureza meio construída pelo Homem. Fico a pensar as vidas que habitam essa casa habitat. Terão cobras, sapos e aranhas por ali? Será que os pássaros pousam por lá? Ela me parece tão misteriosa. Lá está ela esquecida por alguém. O que pode parecer um abandono se torna um ecossistema. O que pode ser feio aos olhos de alguns pode ser vivo para outros. Seguindo em um processo de englobamento da natureza que o Homem ousou/pensou possui/dominar/ocupar. Um englobamento sutil e persistente em favor

do fluxo. Tudo parece em tão perfeita ordem. Não sob a ordenação do Homem e sim sob o fluxo natural. Como se a natureza não alterasse como um vulcão em erupção. E sim englobasse aos poucos digerindo com um demorar com o outro. Coexistindo e cocriando! Plantas e paredes antes distanciadas vão se aproximando como corpos em recombinação e em recriação. Vão se tornando outros. Tanta beleza!

Até o alto ora planta habi-
ta casa. Casa habita planta.
É tanta intimidade. Entre
o verde das folhas ve-se
o marrom do tijolo. Ora
parece parece ^{trono} ora
plantas parecem estruturas.
Estranhamente na glória
parecia mover. O tempo
parecia estar suspenso.

Como se a natureza não
atenuasse como um vulcão
em erupção. E sem englo-
basse aos poucos o gelando
e absorvendo com um demora
com o outro

corros em recombinação

10

Meiose: du Divisão

Bases



DNA



Bases

ARES 5

24 de março de 2024. Rorainópolis, RR.

Cinza. Assim estive essa manhã entre 6h até agora, 9h45m. O sol nascente estava com um tom vermelho lindo entre as nuvens. O silêncio dessa manhã de domingo me fez sentir dentro de uma cidade com outros sons. Como o silêncio pode ser tão ensurdecedor? Como os postes podem ser tão altos? Me sinto pequena como uma formiga a vagar. A linha do horizonte tão distante que me faz sentir tão longe. Tão longe e desacoplada de mim e do que me cerca. Esse lugar me percebe? O meu sentir seria recíproco? Me senti como se olhando para esse ser caminhante no não lugar, no deslocamento, no esvaziar-se e se esvaindo. O ritmo dos passos acalma o corpo. As pernas não se cansam. Sigo em frente até uma parada. A coleta de sementes de crotalária^{xiv} nos fundos do prédio da universidade. Quando suas vagens estão maduras, as sementes ficam soltas em seu interior. Quando puxo o galho para pegá-las se assemelham a pequenos chocalhos. Esses sons rompem o silêncio ensurdecedor. Cato cada uma delas até a altura que meus braços estendidos alcançam. Fui me sentindo ficar alta como aquelas lindas plantas em sua altivez e flores ao topo. Aqueles tons amarelos e o verde das folhas contornado pelo céu cinza me fizeram

sentir segura. Não era eu quem segurava seus galhos e sim elas que me seguravam e me levantavam. Os dedos sentiam o aveludado das vagens. Uma sensação de conforto invadiu o meu corpo. Uma das plantas estava praticamente sem folhas. Sim! As formigas saúvas gostam delas para cultivar seu alimento. O que deixou os ramos dessa planta nus. Porém eles continuavam a sustentar as vagens. As formigas levaram as folhas e nessa planta não consegui tirar as vagens. Não consegui! Por quê? Eu tirara das outras plantas! Porém vê-la sem folhas e sustentando suas vagens me paralisou. Se eu retirasse aquelas vagens que restaria àqueles ramos? A planta sem folhas levou a um secamento uniforme das vagens. Seria um ciclo? Planta e formiga. A formiga saúva leva as folhas e com isso as sementes completam seu amadurecimento. Seria um combinado secreto entre elas? “Leve parte de mim para que eu siga nascendo! As folhas em mim se tornaram desnecessárias.” O vazio se preenche de vento.

Estou me sentindo... crotalária, formiga e semente.

Sinto o aveludado da vagem e o vazio da desfolha.

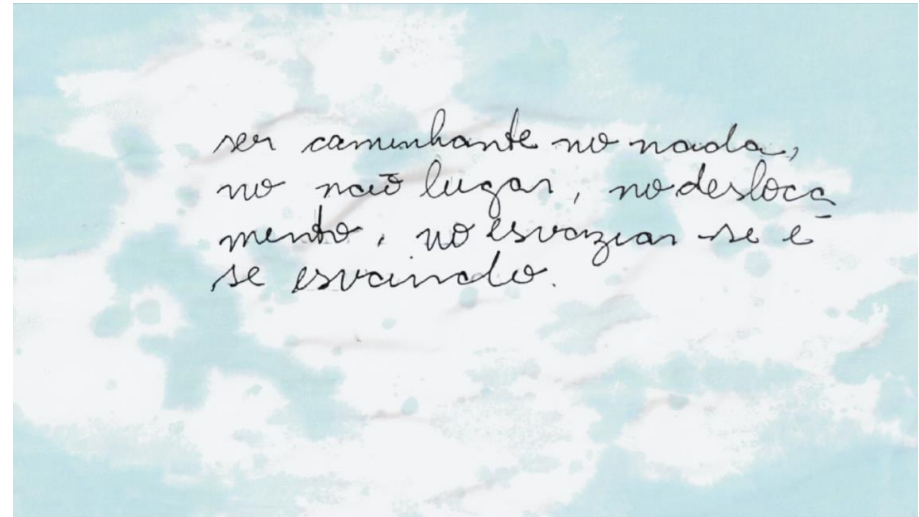
E as saúvas enquanto isso cultivam o seu alimento.

Sendo eu a formiga saúva em busca da crotalária (planta)

sendo eu a saúva e a crotalária

sendo eu o chão e o céu

sendo nós



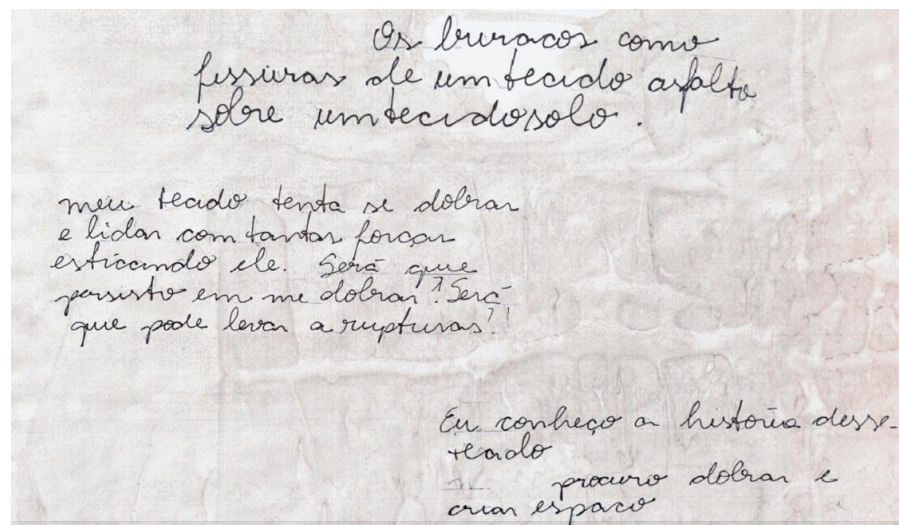
As formigas
levaram as folhas e nessa plan-
ta não consegui tirar as vagens
não consegui. Porque. Eu tirava
das outras plantas. Porém re-
lei sem folhas e sustentando as
vagens com toda a sua força
me deixou imóvel, paralis-
do.. não havia nenhuma
folha. Se eu retirasse as vagens
o que restaria naqueles ramos?

As formigas enquanto
isso cultivam o seu alimento
com as folhas da croatalana.

ARES 6

25 de março de 2024. Rorainópolis, RR.

Hoje a caminhada iniciou às 6h e foi até às 7h30m. Tive um imprevisto pela manhã e somente agora, 14h15m, consegui iniciar a escrita. O livro que estou lendo nesse momento é o da Tatiana Levy, *Experiência do Fora*^{xv}. Até onde li fiquei impactada pela palavra dobra dessa malha de fora da vida. E ao caminhar fiquei refletindo como essa ontologia me traz a imagem da embriologia. Essa dobra como a invaginação dos tecidos formando um espaço para acolher os órgãos de um corpo. Fiquei nesse lugar! E ao caminhar pensei nos buracos da rua como fissuras de um tecido asfalto sobre um tecido solo. Como meu tecido tenta se dobrar e lidar com as forças esticando-o? Será que persisto em me dobrar? Será que pode levar a rupturas!? Criar espaços de criação e atuação. Eu conheço a história desse tecido. Sei o quanto procuro dobrar e criar espaço. Sei que essas dobraduras me levam a outros lugares, especialmente o não-lugar. Seguir ou ficar são forças. Dobrar ou rasgar são forças. Meus dedos se dobram e seguram o lápis enquanto escrevo. Entre eles há um espaço. Parece uma caverna oca contornada pelos dedos dobrados. Parece um receptáculo para acolher e fazer nascer a palavra.



ARES 7

13 de abril de 2024. Rorainópolis, RR.

Caminhar com a formiga saúva. Eis que chego no animismo, além do naturalismo. Eu com a saúva. Caminhar com ela. Será que naquele dia na floresta nos fluímos e desde então sinto-me com ela e ansiando andar como ela. Ali na floresta ela era/existia/ e é e existe com a comunidade vegetal e os demais animais. O que seria ser e existir assim!? Milhas e milhares de anos de coexistências. Elas cultivam o fungo, dispersam sementes, deixam rastros, nutrem a terra, fazem o elo entre a copa das árvores e as profundezas solo. Elas religam o Vegetal, o Animal, o Mineral e os Fungos, os seres entre o animal e o vegetal. Que ser é esse a caminhar articulando Reinos, se deslocando entre o aéreo e o terreno? É capaz de levar consigo/ transportar a distância longevas o cosmo absorvido pelas plantas. Seriam elas distribuidoras das forças cósmicas? Enterram e aterram essas forças como uma força fluídica motor impulsionada pelas pernas “molas”, que se articulam entre si no seu próprio corpo e com outros corpos. Que ser é esse? Tão pequeno e no coletivo se alonga em fileira de duas mãos indo e vindo em linhas paralelas. Linhas que não se chocam, porém se conectam no paralelismo. Que sopro de vida anima cada uma delas e todas elas

juntas? Parecem células de um mesmo corpo a formigar dentro de um corpo floresta. Não como um ser menor e sim um ser inteiro capaz de sustentar, distribuir e cultivar. Sinto como me conduziste para o despertar de mim. O que estás a me dizer? “Veja a escala do consumo! Veja! Veja o chão por onde pisa! Veja o seu rastro!” Ela com seus muitos olhos me vê? Me empresta os seus olhos? Vejo um mosaico nesse universo de partes constituídas que se constituem.

Fragmentos

Fractais

O não visto

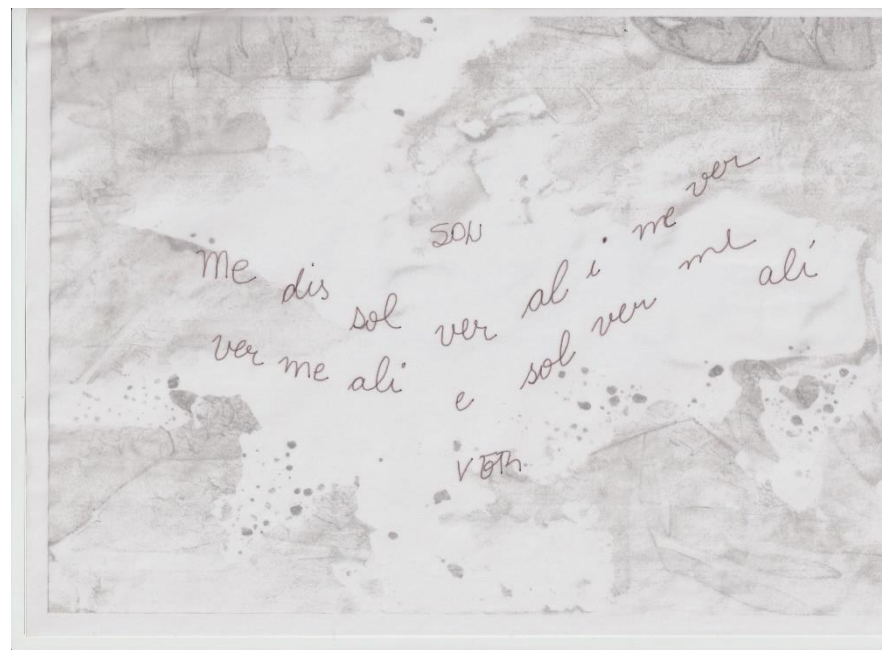
Visão

Chão

ARES 8

02 de maio de 2024. Rorainópolis, RR.

Dissolvo-me ali. Gotas de água no asfalto, no cimento e nas plantas. Água sobre os corpos. Escorrem, retêm e absorvem. Sob o mesmo céu. Ar úmido. Ar molhado. Ar frio. Água em poças, em buracos e nas calhas. Água! Me dissolvo a cada passo. Vou deixando um pouco de mim e me preenchendo daquele ar puro, do verde das folhas e do céu nublado. Parte de mim é nublado. É pura condensação. Flutua no céu. Chuva fora. Chuva dentro. Os olhos com água da chuva. Passa uma criança de bicicleta e diz “oi”. Antes da chuva passara por mim um homem descalço. Ele andava sem notar o entorno com os pés totalmente imersos no asfalto. Ele andava em linha reta com o corpo magro e coluna ereta. O seu rosto de uma expressão forte parecia ser de alguém que já vira demais. Parecia uma expressão em deslocamento. Algo não estava mais ali no semblante. A expressão dele era diferente da do menino que disse “oi”. Reflito sobre esse tempo entre o menino e o homem de muitos anos. O que esse tempo faz com o corpo, a mente e o coração!? Viver e ver demais me assusta. Me vejo em busca de frestas para me abrigar. Luz e sombra se mesclam. Deslocar e descolar. Sair do local. Fuga. Apenas caminhar-ar-ar.



CHÃO

O chão pode ser tudo e nada

Apoio e desconforto

Dor e cura

Alegria e tristeza

Forte e fraco

Resistente e maleável

Fluído e aéreo...



UMA NÃO ESCRITA

E eis que aqui me lanço para uma não escrita- não texto -não caminho- não mapa- não direção- não tudo. É do nada que encontro a formiga saúva na floresta. Nos encontramos uma com a outra, uma come a outra e comemoramos. No início racionalizei sua existência e a minha. Passei tempos pensando em nossos caminhos. Segui seus passos pelas folhas a procura de mapas e contornos. Parecia me levar para uma direção- Qual é a escala do consumo? Quando o consumido e o consumidor se tornam cocriarão? Me peguei a pensar no infinito dos vazios das folhas das plantas, o quê do alto de suas copas se aprofunda no solo e o que do solo se vai para as copas. Nesses mapas ora horizontais ora verticais me vi nas intersecções das diagonais. E eis que me encubro na encruzilhada. Era eu antes desse encontro me tornando mais formiga, mais árvore, mais vazio infinito, mais solo, mais nada, mais raiz, mais tronco, mais ar Até uma eu inscrita no não lugar. Na dobra do tempo e do espaço desses tecidos me involucro após uma caminhada pensada articulada. As pernas articulantes me levam para a minha própria dissolução. Absorvida, porém não absolvida.

DESEJO ÀS PALAVRAS

14 de novembro de 2023. Rorainópolis, RR.

Hoje ao final da tarde minhas pernas me levaram para caminhar e ver o pôr do sol na avenida perto de casa. O entardecer com o som dos pássaros, as mudanças de cores do céu e o sol que aos poucos vai sumindo no horizonte. Ainda com o sentimento de borda, sigo a refletir sobre a cidade em sua expansão. De um lado o asfalto e a linha reta, no outro as aves voando de árvores em árvores. Crianças brincando na praça. Carros, mesmo que poucos, rompem o ar com seus motores. O que sobrou de mim nesse dia de terça-feira? Ao longo da rotina os espaços de pausar para olhar e sentir. Sentir que posso ser corpo em muitos corpos e posso ser corpo para muitos corpos. Nesses corpos entrelaçados e enovelados reflito nas palavras. Tenho minhas palavras? As palavras que saem de mim são minhas? Quantas palavras emprestei e coletei? Quantas palavras comi? Quantas palavras inspirei? Quantas palavras soltei ao vento e às águas? Estranho sentir que as palavras não me pertencem. Elas invadem o meu corpo, percorrem minhas veias e se vão no voo dos pássaros, nos desenhos da nuvem do céu, na chama do fogo ardente. Estranho sentir que as palavras não são minhas. Eu penso que as tenho, mas não as tenho. Não cabe a natureza da palavra a posse!

Elas são livres. Abro minhas gaiolas e as solto. Voem palavras! Sejam livres! Escolham vocês as árvores que querem pousar e escolham vocês o céu que querem voar! Sejam livres! Saibam que de hoje em diante desejo apenas ser árvore! Ser abrigo! Ser sombra! Ser alimento! Se um dia minha copa não poder nutrir e abrigar as palavras pássaros, peço somente um favor – “Façam dos meus galhos secos um lugar de canto. Façam das minhas cinzas um lugar de memória nas profundezas do solo ser.”

Estou a sentir que as palavras não são minhas. Eu penso
que as tenho, mas não as tenho. Não cabe à natureza
das palavras a posse! Elas são livres. Abro minhas
"gaiolas" e as solto! Voem palavras! Sejam livres!
Escolham vocês as árvores que querem pousar e escolham
vocês o céu que querem voar!

Sejam livres! Saibam que de hoje em diante desejo apenas
ser árvore! Ser abrigo! Ser sombra! Ser alimento!
Se um dia minha copa não der conta das palavras
passaros, peço somente um favor - façam dos meus
galhos recos um lugar de canto! façam do meu
caule um lugar de ninho, façam das minhas folhas um
lugar de memória das profundezas do solo ser.

ⁱ Formiga. É um inseto denominado pela ciência como pertencente a Classe Insecta e Filo Arthropoda. Arthropoda é uma palavra que em sua etimologia significa pernas articuladas. Então, os insetos juntos com as aranhas, escorpiões, ácaros, tatuzinhos de jardim, lacraias e centopeias foram nomeados pelas ciências como seres de pernas articuladas. Os insetos possuem 6 pernas com 5 segmentos.

Quantas articulações são possíveis! Será que eles pesam por onde andam? Quantas articulações caberiam nesse caminhar em seis pernas segmentadas? Enfim! Pensar articulando por onde caminho. Sensível e flexível em cada passo.

Ninho de formiga saúva. Ninho de formiga saúva também pode receber o nome de sauveiro. Os sauveiros construídos abaixo do solo. Elas escavam o solo retirando-o da superfície abaixo e transportado para cima. Essa quantidade pode chegar até 40 toneladas, ou seja, 40.000 quilogramas. A profundidade dos ninhos pode ser até 8 metros. A área ocupada pelos montículos pode ser de até 67,2 metros quadrados. Um sauveiro, com cerca de seis anos de idade, pode ter até 1920 câmeras.

Essas câmeras são conectadas por túneis, ou seja, ramificações maiores ou menores. As câmaras maiores podem ter uma capacidade de 25 a 51 litros e as menores de 0,03 a 0,06 litros. Essas informações foram encontradas na obra de Hölldobler e Wilson (2011) sobre as formigas saúvas, onde os autores descrevem os dados de pesquisadores brasileiros, Luiz Forti e colaboradores, em seus estudos sobre a arquitetura dos ninhos de saúvas do gênero *Atta*.

Hölldobler, Bert; Wilson, Edward O. *The Leafcutter Ants: Civilization by Instinct*. W. W. Norton & Company, Edição do Kindle, 2011.

Como seria construir e habitar um ninho? Transportar o que está abaixo do solo, em profundidades, para cima? Conectar câmeras caminhando entre túneis? O meu encontro com a formiga saúva foi também com todo um organismo sauveiro além do mensurável. Me pergunto quantos anos teria aquele sauveiro, quantas milhas todo aquele organismo caminhou, quantas vidas foram geradas...

ⁱⁱ Floresta secundária. É a floresta que cresce após a retirada da floresta primária, ou madura, pelo Homem. No local onde eu caminhava trata

se de uma propriedade rural resultante de um projeto de assentamento dirigido (PAD) Anauá em Rorainópolis, interior do Estado de Roraima (Fonte: <https://50anos.incra.gov.br/em-roraima-assentamentos-do-incra-se-transformaram-em-municipios/>). Através desse projeto as famílias assentadas ocupam o espaço para desenvolver a atividade agrícolas e pecuária. A legislação permite aos agricultores em regiões amazônicas a retirada de até 20% da floresta para os fins de produção. Assim, é possível acontecer nas propriedades rurais os mosaicos de florestas nativas, cultivos agrícolas, pastagens e florestas secundárias, ou em regeneração. As florestas secundárias, em regeneração, se constituem como uma possibilidade de remoção do carbono da atmosfera (Fonte: <http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias-obt-inpe/estudo-aponta-o-papel-fundamental-das-florestas-secundarias-na-remocao-de-carbono-da-atmosfera>). Infelizmente por não serem protegidas legalmente, como as florestas nativas, têm sofrido ainda mais com o desmatamento. Um estudo revela mostrou que desde 2011, o desmatamento das florestas secundárias é em média 40% maior que o das florestas maduras (Fonte: <http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias-obt-inpe/estudo-aponta-o-papel-fundamental-das-florestas-secundarias-na-remocao-de-carbono-da-atmosfera>).

As formigas saúvas podem habitar as florestas secundárias. Certa vez ouvi de um agricultor que a saúva estava saindo da “mata” e indo atacar as suas plantas de crotalária próximas a horta. Era um período de chuva e as plantas estavam verdejantes da horta até o campo de pastagem que terminava na “mata”. A distância dali era cerca de 100 metros. Hoje lembrando desse fato fico a pensar nessa longa trilha realizada por elas. Obviamente o agricultor não estava nada satisfeito. Mas é um feito incrível desse ser caminhante que integra as florestas e os cultivos agrícolas. Para as saúvas não há uma barreira, ou uma cerca ou uma placa “não entre”. Tudo é floresta e não “mata”!

iii Andiroba. É uma árvore da espécie (*Carapa guianensis* Aubl.) e família Meliaceae. Ela é encontrada nas florestas da Amazônia, possui propriedades medicinais e é recomendada em áreas de reflorestamento (Fonte: <https://www.infoescola.com/plantas/andiroba/> .)

Naquele dia em que fomos coletar sementes de andiroba me senti embebida de natureza. As copas lá no alto e sobre o chão os frutos caídos e abertos expunham as sementes. Íamos coletando aquelas que estavam íntegras e saudáveis. Depois que retornamos juntamos todas elas. A senhora Maria depois iria extrair o óleo para consumo próprio

da família. No mercado local podemos encontrar também o óleo extraído muitas vezes por mulheres rurais de forma tradicional. Elas aproveitam a sobra da extração para fazer sabão. Eu o uso como sabonete, especialmente antes e/ou depois de idas ao campo. O óleo da andiroba tem propriedade repelente além das propriedades fitoterápicas. Pensar que na própria floresta há plantas que podem nos proteger dos carapanãs, denominação dada aos pernilongos na região.

^{iv} Microrganismos eficientes. São pequeninos organismos menores que as formigas, como fungos e bactérias. Nessa situação, eles foram coletados da floresta para serem utilizados nos cultivos agrícolas da senhora Maria. Então seguimos as recomendações de Casali (2009) para obtê-los e depois os colocamos em garrafas plásticas contendo água limpa, sem cloro, e açúcar de rapadura. Nessas garrafas até que completasse o processo em que não produzissem mais gás para que pudessem ser aplicados nas hortaliças. É uma prática que também está descrita em uma das fichas agroecológicas para a melhoria da fertilidade do solo e nutrição das plantas (Fonte: [https://www.gov.br/agricultura/pt-](https://www.gov.br/agricultura/pt-
br/assuntos/sustentabilidade/organicos/fichas-agoecologicas/fertilidade-do-solo)

[br/assuntos/sustentabilidade/organicos/fichas-agoecologicas/fertilidade-do-solo](https://www.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/fichas-agoecologicas/fertilidade-do-solo)).

Casali, Vicente W. D. (Org.) Caderno dos microrganismos eficientes (EM): Instruções práticas sobre o uso ecológico e social do EM. Viçosa, MG, 2009. 31p.

Essa obra pode ser baixada gratuitamente pelo link <https://vilavelha.ifes.edu.br/images/stories/biblioteca/sala-verde-virtual/agroecologia-permacultura-e-educacao-alimentar/caderno-dos-microorganismos-eficientes-diagramado.pdf> .

Eis que escrevendo esse trecho me pego a pensar nos pequeninos seres que vivem no solo junto com a formiga saúva da floresta. Há seres que caminham e há seres que são transportados por aqueles que caminham. E assim tudo se move de uma maneira ou de outra!

^v Ciências agrárias. A palavra agrária tem origem no termo latim *ager*, que significa “terra”. A palavra agricultura partilha o mesmo prefixo *ager* de origem e para a qual é acrescentada a palavra cultura- cultivo.

Acredita-se que agricultura praticada pelo Homem tenha cerca de 10 mil anos, quando foram deixando um estilo de vida nômade para um estilo sedentário (Fonte: <https://educacaoeprofissao.com.br/historia-da-agricultura-nas-sociedades/>). Acredita-se que as saúvas tenham surgido há 8,5 milhos de anos atrás. Elas praticam a agricultura muito antes do Homem. Elas cultivam os fungos para alimentar as larvas, que são as formas juvenis. Além de cultivarem o seu alimento também defendem essa produção através de uma relação mutualística com uma bactéria. (Fonte: <https://agencia.fapesp.br/sauvas-surgiram-ha-85-milhoes-de-anos-e-podem-ter-se-beneficiado-da-expansao-do-cerrado-indica-estudo/38032>).

Nessa caminhada com a formiga saúva vou percebendo o quanto as ciências agrárias que estudo desde o ensino médio, anos de 1995, se distanciou da sabedoria desses seres. A agroecologia tem sido um alento desde que iniciei os estudos em 2011. O ano em que marca o início de minha jornada como professora no interior de Roraima, cursos de Agronomia e Engenharia Florestal. Esse ano, 2024, me desloquei para o curso de ciências da natureza na área de biologia. Estou cursando a graduação e espero me aprofundar e dedicar parte do trabalho à ciência

biológica de forma mais íntima. Esse movimento foi importante para eu poder me aproximar de uma agricultura que cuida. Que seja mais consonante com as formas de vida e de existências!

^{vi} Pragas agrícolas. Essa denominação foi criada para incluir os organismos que danificam plantas ou produtos vegetais. Nas ciências agrárias as pragas agrícolas são estudadas dentro de uma área conhecida como a saúde vegetal, ou seja, fitossanidade. (Fonte: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/sanidade-vegetal>). No caso, o fato de as formigas as saúvas cortarem pedaços de folhas de plantas cultivadas elas as danificam, trazendo danos às plantas que podem suas produções reduzidas. Interessante é que palavra praga tem em sua origem um dos significados que é ferida.

Aqui faço uma pausa para refletir nessa palavra ferida feita pelas saúvas. Quando iniciei a observação das folhas das plantas por onde caminhava no campo. Eu estava em busca dos rastros deixados por elas. Eram essas feridas nas plantas que eu buscava encontrar e a partir delas pensar por onde elas caminharam. Passei e ver uma beleza nessas feridas como se fossem mapas. Via nelas um vazio e uma ausência de

folha não como uma falta. Mas sim como algo que abria para um infinito. Onde foram aquelas partes das folhas? No que elas se transformaram? Por quantos corpos se combinaram? Como se fosse possível ver além da ferida outros mundos.

^{vii} Aparelho bucal mastigador. Acredita-se que seja a mais parecida com a forma básica ancestral dos insetos. E que a partir dela outros tipos de aparelho bucal evoluíram de acordo com as especializações alimentares. No caso, o aparelho bucal mastigador é constituído de um par de mandíbulas, um par de maxilas, a hipofaringe, o lábio superior e inferior. A saúva ao cortar a folha usa as mandíbulas que possui uma superfície cortante.

Na obra a seguir podem ser encontradas essas e outras descrições da morfologia dos insetos.

Gullan, Penny J.; Cranston, Peter S. Insetos: fundamentos da entomologia. 5^a ed. Rio de Janeiro: Roca, 2023.

Imagens incríveis sobre as mandíbulas de saúvas podem ser visualizadas na página 72 da versão Kindle da obra abaixo. Além de outras lindas imagens feitas pelo fotógrafo Eduard Florin Niga.

Rice, Eleanor. S.; Niga, Eduard F. Ants: workers of the world. 1^a ed. Harry N. Abrams, Edição do Kindle, 2021.

E eis que aqui faço uma observação para essas mandíbulas capazes de cortar as folhas, mas também para a sua própria defesa. Certa vez estava eu com um grupo de mulheres a tirar as plantas espontâneas de um jardim localizado em área rural. Eu era a única com luva. As demais não quiseram colocar. Até que uma delas foi atacada por uma formiga que com suas mandíbulas prenderam a pele do tecido cortando. Ela gritou e pelo fato de eu estar com luva pude retirar a formiga. Mas ela realmente fez um corte no dedo. Eu nunca tinha visto aquilo antes. A força daquela formiga me impressionou tanto que tenho muito viva essa memória. Nesse momento da escrita me pego a refletir sobre essas mandíbulas. As mandíbulas que cortam folhas das plantas para cultivar fungos e nutrir suas larvas. E nas mandíbulas que cortam dedos intrusos.

viii Fungos cultivados pelas saúvas. E falando em cultivo de fungos. Vamos lá entrar nesse jardim!? As formigas saúvas saem organizadas do ninho em busca de forragem. A forragem nesse caso, são pedaços de folhas quer irão cortar das plantas. Elas escolhem plantas que não sejam rejeitadas pelos fungos. Ai, saem caminhando em busca dessas plantas marcando o seu rastro com feromônio, um sinal químico de comunicação. Chegando na planta, sobem e iniciam o corte com as mandíbulas. O tamanho do pedaço de folhas é geometricamente compatível com o tamanho da formiga. Assim, ela conseguirá carregar em seu retorno para o ninho. Pode acontecer de ela cortar a folha e outra formiga embaixo carregar, uma com as mandíbulas não tão forte. No ninho, essas folhas são levadas para a câmara – jardim de cultivo de fungo. Lá, uma outra turma das formigas, de tamanho menor, irá agricultural. Nesse processo elas cortam os pedaços em tamanho ainda menores, misturam com fluído fecal e deixam tudo preparado para o crescimento do fungo. Entre a formiga e o fungo há uma relação de mutualismo. E assim elas coevoluíram umas com as outras.

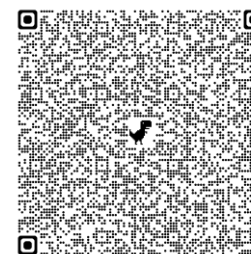
Essas e outras informações podem ser encontradas no capítulo 8 da obra abaixo:

Hölldobler, Bert; Wilson, Edward O. The Leafcutter Ants: Civilization by Instinct. W. W. Norton & Company. Edição do Kindle. 2011.

^x Especialização a Natureza que somos. A especialização “A natureza que somos” tem a coordenação da Rita Mendonça e da Beatriz Tadema.

https://cursos.acasatombada.com.br/curso/anaturezaquesomos?_ga=2.123122379.199814676.1712536259-725768586.1708057638

O TCC está disponível em:



^{xi} Michel Maffesoli é um sociólogo francês. Mas informações sobre ele e suas obras podem ser encontradas em https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Maffesoli.

Em sua obra “Ecosofia: uma ecologia para o nosso tempo” logo no prefácio à edição brasileira tem-se:

Eu sempre disse que em períodos de transformação, é preciso encontrar palavras menos falsas possíveis, Palavras essenciais que podem se tornar palavras fundadoras. Ou seja, palavras que descrevem o que advém. Tanto é verdade que o verdadeiro falar é, primeiramente, uma escuta. Uma escuta do advento daquilo que está aí. Era assim que Fernando Pessoa Descrevia a “sociologia das profundezas”, capaz de expressar, de dar forma àquilo que, vindo de muito longe, fala através de nós. (Maffesoli, 2021; p. 14)

A obra é um convite a uma sensibilidade ecosófica.

O que está muito claro na noção de “proxêmica” desenvolvida pela escola de Palo Alto, ao evocar a

interação existente entre cada pessoa, a comunidade na qual e graças à qual ela vive, e o lugar em que essa pessoa e essa comunidade se desenvolvem. É o centro da abordagem ecosófica. (Maffesoli, 2021; p. 45)

No capítulo 5, o autor apresenta *amor mundi* e dele gostaria de partilhar o fragmento abaixo:

O mecanismo reduz o Outro ao mesmo. A natureza é reduzida à cultura (cimentada). A comunidade é reduzida ao indivíduo (isolado). A divindade é reduzida a um “unitarismo” (a unidade rígida de um Deus racionalizado). A organicidade, muito pelo contrário, é a lembrança da unidade primordial das coisas. Uma espécie anamnese arquetípica como conhecimento originário da vida. O que incita um pensamento radical que se dedica a identificar às raízes a fim de compreender melhor o crescimento e o desenvolvimento mundano. (Maffesoli, 2021; p. 133)

Na obra “Sobre o nomadismo” de Maffessoli, após essa sensibilidade ecosófica, o *amor mundi*, sinto o convite à errância.

Interessante que o autor logo início dessa obra me presenteia com a frase “Do *amor fati* para o *amor mundi*” (Maffesoli, 1997; p. 11). Esse amor do destino e amor do mundo me atravessam nas reflexões da escrita nas duas especializações, a da “Natureza que somos” e a “Caminhada como método de arte-educação”.

Na leitura da obra “Sobre o Nomadismo” senti o convite a errância e a liberdade.

Assim, a liberdade do errante não é a do indivíduo, ecônomo de si e ecônomo do mundo, mas exatamente a da pessoa que busca de um modo místico “a experiência do ser”. Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa, sempre, da ajuda do outro. O outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande Outro da natureza, ou de tal ou qual divindade. O dinamismo e a espontaneidade do nomadismo estão justamente em desprezar fronteiras (nacionais, civilizacionais, ideológicas, religiosas) e viver concretamente alguma coisa universal — e a isso mesmo é

que chamei mais atrás de valores humanistas. (Maffesoli, 1997; p. 70)

Maffesoli, Michel. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

Maffesoli, Michel. Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

^{xiii} A leitura da obra de Woolf (2014) nesse momento da caminhada foi uma sugestão do psicólogo. Parte de minha casa estava em reforma e teve um momento em que ficou sem paredes e depois sem teto. A leitura da obra trouxe deslocamentos existenciais. O quer seria um teto todo meu? O que seria esse teto como um lugar para a escrita e criação? A reforma foi sendo pensada aos poucos como uma casa ateliê. Esse é um novo espaço físico e simbólico em minha vida. Um lugar para cultivos de jardins.

Pois as obras-primas não nascem de eventos únicos e solitários; são o resultado de muitos anos de pensamento

comum, de pensamento coletivo, de forma que a experiência da massa está por trás de uma voz única. (Woolf, 2014; p. 61-62)

É preciso haver liberdade, é preciso haver paz. Nenhuma roda deve ranger, nenhuma luz deve piscar. As cortinas devem ser fechadas. O escritor, pensei, assim que sua experiência acabar, deve recostar-se e deixar que a mente celebre suas bodas na escuridão. Ele não deve olhar ou questionar o que está sendo feito. Em vez disso, deve desfolhar as pétalas de uma rosa ou observar os cisnes flutuarem calmamente rio abaixo. E novamente vi a correnteza que levou o barco, o estudante e as folhas mortas; e o táxi levou o homem e a mulher, pensei, vendo-os encontrar-se do outro lado da rua, e a corrente varreu-os dali, pensei, ouvindo ao longe o ronco do tráfego de Londres, para dentro daquela correnteza tremenda. (Woolf, 2014; p. 95)

Woolf, Virginia. Um teto todo seu. 1ª ed.. Tordesilhas. Edição do Kindle. 2014.

xiv Crotalária

É uma planta leguminosa denominada na agricultura como planta adubadeira, pelo fato de melhorar a qualidade do solo. Ela pode ser cultivada próxima aos cultivos agrícolas ou em rotação. A rotação é quando, por exemplo antes de cultivar o milho, planta-se a crotalária, incorpora ela no solo e depois cultiva o milho. É uma possibilidade para os agricultores familiares, especialmente agroecológicos. Pois é um processo de baixo custo e que favorece a vida do solo e consequentemente a nutrição da planta. A planta nutre a parte viva, animal do solo, e essa nutre a planta. Um fluxo parecido com a agricultura feita pelas formigas cortadeiras.

A Ana Maria Primavesi, mãe da agroecologia no Brasil, tem um acervo de suas pesquisas, escritas e anotações disponíveis em <https://anamariaprimavesi.com.br/>. Dessas escritas escolhi duas sobre a contribuição da planta adubadeira e sua rotação com as culturas agrícolas alimentares.

<https://anamariaprimavesi.com.br/2019/06/20/rotacao-de-culturas-exemplos/>

<https://anamariaprimavesi.com.br/2019/06/19/adubando-a-adubacao-verde/>

^{xv} A obra de Levy (2011) me trouxe a palavra dobra. A seguir seguem alguns fragmentos da obra, através dos quais me senti profundamente afetada.

Quando se fala da relação com o fora, não se fala de um mundo que se encontra além ou aquém do nosso. Fala-se precisamente deste mundo, mas desdobrado em sua outra versão. Tudo se passa como se na literatura o espaço, o tempo e a linguagem se constituíssem num devir-imagem, em que o mundo se encontra desvirado, refletido. Não se trata pois de um outro mundo evocado pela literatura, mas do outro de todos os mundos: o deserto, o espaço do exílio e da errância, o fora. (Levy, 2011, pp. 21-22)

O fora constitui, assim, uma espécie de experiência original, um começo de tudo. Colocar-se fora de si e fora do mundo é antes de mais nada inaugurar uma experiência em que as coisas não são ainda. (Levy, 2011, pp. 27)

Experimentar o fora é, pois, fazer-se um errante, um exilado que se deixa levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou, de um livro que está ainda e sempre por vir. (Levy, 2011; p. 29).

O fora constitui, portanto, esse espaço onde não há unidade, onde o movimento da palavra encontra-se em seu mais alto grau de liberdade. (Levy, 2011; p. 43).

A literatura nada tem a ver com as lembranças, os sonhos ou os fantasmas do eu, mas com as “audições”, as “visões”, os “devires” e as “potências” que circulam no fora. É através da linguagem que se alcança esse espaço da não linguagem, o espaço do fora. (Levy, 2011; p. 43).

Como palavra do fora, a literatura constitui-se como questionamento dos valores dados, como possibilidade de transgressão. A experiência literária subverte, contesta e ameaça os ideais humanistas. Ou ainda, como já se afirmou algumas vezes, ultrapassa os limites impostos pela noção de obra, indo além dela. É aqui, na ausência de obra característica da literatura, que Foucault a aproxima da loucura. Em “A loucura, a ausência de obra”, ele mostra como ambas não manifestam o nascimento de uma obra, mas, ao contrário, designam a forma vazia de onde vêm. A literatura constitui, portanto, um espaço de transgressão em que tudo o que é fixo se torna móvel, em que as verdades são abaladas, em que as dicotomias e contradições desaparecem. (Levy, 2011; p. 62)

A cada uma corresponde uma das seguintes questões: “Que podemos saber, ou que podemos ver e dizer em tais condições de luz e visibilidade?”; “Que poderes é preciso enfrentar e quais são nossas possibilidades de resistência em cada época?” e “Quais são nossos modos de existência,

nossas dobras, nossos processos de subjetivação? (Levy, 2011; 64).

No entanto, definir os enunciados e as visibilidades não é tarefa tão óbvia quanto pode parecer, uma vez que nem os enunciados são diretamente legíveis nas palavras, nem as visibilidades diretamente visíveis nas coisas. É preciso rachar as palavras e as coisas para delas extrair, respectivamente, os enunciados e as visibilidades. Essa tarefa cabe ao arqueólogo. (Levy, 2011; p. 65)

Levy, Tatiana S. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. Civilização Brasileira. Edição do Kindle, 2011

O título desse TCC faz parte das experiências ao longo das caminhadas. A sensação de corpos que se reencontram, se auto-organizam e se recombina. As dobras para mim foram como espaços temporários nesse processo. As dobras me vieram também como não lugar. Não no sentido de negação ao direito de um lugar, espaço ou território. Mas no sentido de a liberdade de poder caminhar adentrando espaços outros, imaginativos e poéticos.